

PEDAGOGIA ONTOPSICOLOGICA NA ORIENTAÇÃO DO ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ONTOPSYCHOLOGICAL PEDAGOGY ON THE ORIENTATION OF INTERNSHIPS OF THE EARLY YEARS OF THE ELEMENTARY SCHOOL

Estela Maris Giordani¹

Adriane M. M. Mendes²

RESUMO: Apresentamos, neste artigo, as principais conclusões que resultam da pesquisa que estamos desenvolvendo desde 2009, com o objetivo de explicitar a aplicação dos princípios teórico-metodológicos da pedagogia ontopsicológica na formação do pedagogo durante o decorrer da disciplina de estágio supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa que estamos realizando possui o objetivo geral de explicitar esta metodologia no processo de orientação e compreender a sua pertinência e contribuição aos principais problemas encontrados na pedagogia escolar hodierna. Neste artigo, ainda, trazemos as principais discussões teóricas e empíricas elaboradas durante as investigações nestes três anos sobre esta pedagogia, aplicada na orientação do pedagogo em estágio. Compreendemos que a contribuição desse artigo é possibilitar o conhecimento da aplicação dessa pedagogia, bem como contribuir com o debate acerca das metodologias e processos formativos nas orientações dos estágios do curso de pedagogia e suas repercussões nas mudanças das práticas educativas escolares. As principais contribuições da pedagogia ontopsicológica foram: a) compreensão da pessoa do pedagogo e do aluno em sua integralidade, considerando as dimensões conscientes e inconscientes; b) a identificação do critério humano que discrimina e orienta as ações do pedagogo; c) o protagonismo responsável da pessoa do professor e do aluno nas práticas educativas; d) a aprendizagem do conhecimento como exercício do instinto de posse em relação às faculdades humanas; e) a técnica no fazer pedagogia para a criatividade humana. Explicitamos em que consiste tal pedagogia, em que contexto nasceu e, em seguida, estes princípios encontrados na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia ontopsicológica; estágio supervisionado; formação do pedagogo.

ABSTRACT: Presented in this article are the main findings that result from the research we are developing since 2009 with the aim of clarifying the application of theoretical and methodological principles of Ontopsychological pedagogy in the fostering of teacher during the course of the discipline of Supervised Internship for Early Years of Elementary School. What we are doing has the overall goal of explaining this methodology in the guidance process and understand its relevance and contribution to the main problems encountered in school pedagogy nowadays. In this article we bring the main theoretical discussions and empirical investigations made during these three years on this pedagogy applied in the direction of educators in internships. We understand that the contribution of this paper is to enable the knowledge of the application of this pedagogy, as well as contribute to the debate about the methodologies and fostering processes in the orientations for internships in the course of Pedagogy and its impact on changes in the educational practices at school. The main contributions of the Onthopsychological pedagogy are: a) understanding the person of the teacher and of the student in its entirety, considering the conscious and unconscious dimensions, b) identification of the human criteria that discriminate and guides the actions of the pedagogue, c) the responsible role of the person of the teacher and of the student in educational practices, d) the learning of knowledge as an exercise

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade Antonio Meneghetti e da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Universitário Camobi. E-mail: estela@pesquisador.cnpq.br

² Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: adriane@ccb.ufsc.br

of the instinct of ownership in relation to human faculties, e) the technique in making pedagogy for human creativity. We try to explain in what consists such pedagogy, in which context it was born and, then, this principles found in the research.

KEYWORDS: Ontopsychological pedagogy; supervised internship; fostering of the pedagogue.

ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Por Pedagogia Ontopsicológica “compreende-se a arte de coadjuvar o indivíduo à realização” (MENEGHETTI, 2007, p. 8). A metódica da pedagogia ontopsiológica é compreendida como uma arte, ou seja, uma técnica que está a serviço do desenvolvimento integral dos valores humanos, tanto da pessoa quanto do contexto sócio-ambiental do qual fazemos parte. A sua finalidade última é a realização existencial integral do potencial humano. Esta pedagogia implica em atuação contemporânea ao que já é existente e é confirmado como conhecimento e metodologia clássica da pedagogia. A novidade é que acrescenta um critério elementar, que é projeto vital de cada ser humano e a saber como realizá-lo no contexto existencial da pessoa, aplicando as três descobertas específicas da ciência Ontopsicológica.

A Pedagogia Ontopsicológica é uma das aplicações da ciência Ontopsicológica, a qual propõe que a pessoa (o docente e o aluno) leve à consciência o dado do real tal qual acontece e não como a consciência, já pré-orientada pelos estereótipos adquiridos em sua história de aprendizagens, percebe-oⁱ. A ciência Ontopsicológica, ao enfrentar o problema crítico do conhecimento, elaborou um método que, se for aplicado, possibilita à consciência colher a raiz do acontecimento da ação vida no aqui, agora e assim, conforme a semovência do real em relação ao homem (MENEGHETTI, 2010). Ela objetiva uma metodologia que possibilita “levar a consciência no interior da força – em sentido direcional, físico, energético – quando está se construindo; porque eu sou existente, sou dentro daquilo que está fazendo, e a natureza dotou-me de reflexão” (MENEGHETTI, 2003a, p. 43). A novidade da ciência Ontopsicológica são suas três descobertas realizadas em âmbito clínico durante dez anos de experimentação com resultados comprovados: campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão na psique humanaⁱⁱ. A partir disso, uma das aplicações do método Ontopsicológico é a pedagogia, pois, uma vez que individuou o critério de natureza humana – o Em Si ôntico –, o modo pelo qual essa natureza humana se comunica – Campo Semântico – e a interferência alheia nos processos lógicos racionais humanos – o monitor de deflexão na psique humana –, pode refundar o modo de conceber e de realizar a educação do

ser humano no arco de sua existência. Meneghetti (2010) descobre como se funda, como funciona e qual é a finalidade da arquitetura do inconsciente humano e, assim, desenvolve como fazer pedagogia considerando a compreensão deste. Afinal, “Se queremos uma pedagogia funcional ao presente, devemos colocar as bases da técnica e da arte para colaborar com o grande projeto da vida que existe em cada criança” (MENEGETTI, 2006, p. 14).

Quando aplicadas, as três descobertas com o método ontopsicológico propiciam ao homem colher a informação em antecipação a qualquer fenomenologia e realizar a ação congruente com o real e, por isso, não só colher, mas agir nas causas dos eventos. É uma ciência que restitui à consciência a capacidade de colher a informação sem a distorção que opera por meio dos estereótipos e hábitos mentais do sujeito e, assim, possibilita à pessoa a liberdade de decidir e agir sem a interferência dos condicionamentos mentais que a pré-orientam. Por isso, é uma ciência epistêmica e interdisciplinar. Epistêmica porque colhe o primeiro mover-se e tem a possibilidade de atuar na causa dos eventos e interdisciplinar porque, com esse procedimento, pode ser aplicada a toda e qualquer área de atuação, visto que, diz respeito ao modo em que o humano colhe e sintetiza a informação e, sobre ela, depois, age. A aplicação deste método na pedagogia é consequencial porque, uma vez que desenvolve um método para individuar no humano o que lhe é próprio, pode, com esse conhecimento, promover o desenvolvimento histórico conforme seu potencial. Este é o escopo da pedagogia ontopsicológica (MENEGETTI, 2010).

Com esse conhecimento, tanto o educador quanto o aprendiz conseguem posicionar a própria vida onde é mais importante (MENEGETTI, 1999). Na medida em que o homem, por meio desse conhecimento, começa saber-se como é, como foi educado, poderá compreender o que fazer para construir-se na direção daquela virtualidade que é apenas sua, única e irrepetível. Contudo, não basta saber, eis a função da pedagogia que auxilia a pessoa a fazer, a ter condutas que lhe auxiliem a centrar sua ação em seu ponto força e, deste, construir-se, inventar-se como pessoa no mundo, ou seja, fazer ações congruentes a seu critério de natureza ou Em Si ôntico.

Para esse autor, o homem, usando a sua faculdade de inteligênciaⁱⁱⁱ para colher o dado do real por como se apresenta, portanto, com reversibilidade entre ele a sua representação, pode exercer sua racionalidade sem a distorção dos filtros mentais ou estereótipas presentes em sua consciência^{iv}. Meneghetti (2010) considera a totalidade do universo psíquico do humano em sua radicalidade, sendo que no inconsciente existe um princípio ordenante da vida, da energia vital, que é inteligente e capaz de adaptar-se infinitamente na sua existência, desde que conforme a sua identidade. Meneghetti (2010)

denomina esse princípio Em Si ôntico. O Em Si ôntico é esse núcleo, essa radicalidade da atividade psíquica que funda e formaliza contemporaneamente os eventos. Esse princípio, uma vez colhido e aplicado em evolução histórica, porta ao homem a sua sanidade psicofísica e social e, por isso, é o critério epistêmico desta ciência e é a novidade da pedagogia ontopsicológica (MENEGETTI, 2007; GIORDANI; MENDES, 2011).

Conforme Meneghetti (2007), o problema da pedagogia até então foi educar a criança mantendo-a cindida de seu Em Si ôntico nativo. A falta de compreensão dos princípios elementares a respeito do que funda o humano gera múltiplas dificuldades para os professores que tem como seu principal objeto de trabalho a aprendizagem humana. Isto é, uma vez que não se conhece o ser humano, também não se sabe como utilizar seus próprios recursos para desenvolvê-lo no contexto social a que pertence (GIORDANI, 2005).

A VISÃO DO HOMEM PROTAGONISTA RESPONSÁVEL

Fundamental à ciência Ontopsicológica é o conceito de homem. Por homem Meneghetti (2010) entende “uma unidade de ação histórico-espiritual construído por um projeto ôntico em acontecimento terrestre com faculdades ou funções inteligentes, racionais, emocionais e biológicas” (MENEGETTI, 2001, p. 132). Todo ser humano, depois que nasce, tem como prioridade a busca pela compreensão de quem é, de onde veio e para onde vai. Eis a teleologia da pedagogia, uma vez que, se acontece como existência, é essencial encontrar o sentido último do existir em acontecimento histórico (MENEGETTI, 2007). Tendo a vida colocado aquela individuação humana que possui a faculdade inteligente, é essencial encontrar e construir a sua identidade na história conforme a volição da ação da vida para si. “A visão ontopsicológica em referência à pedagogia é a auscultação dos sinais do código base da vida, que a criança tem intrínseco, para adaptar, progressivamente, este projeto fundamental à elaboração da construção e responsabilidade social” (MENEGETTI, 2007, p. 20). Deste modo, a partir da individualidade evolutiva de cada humano-pessoa constrói-se a responsabilidade no composto histórico-social.

Entrando no âmbito de nossa pesquisa, percebemos que os professores e os estagiários, cada vez mais, encontram no contexto da sala de aula alunos que não querem aprender, ou não procuram aprender, ou ainda estão com problemas para aprender e aqueles que efetivamente não aprendem. Esta problemática, levantada durante o processo de orientação das acadêmicas do curso de pedagogia, moveu-as a compreender e encontrar os caminhos para desenvolver a formação de professores pedagogos considerando a aplicação dos princípios teórico-metodológicos da pedagogia ontopsicológica. Como a pedagogia

ontopsicológica responde aos inúmeros e crescentes problemas percebidos no cotidiano escolar nos anos iniciais do ensino fundamental – violência, dificuldade na aprendizagem, dentre outros?

A pedagogia ontopsiológica possui uma visão de que o homem é o protagonista responsável e, como pessoa, é capaz de atuar o princípio metafísico em existência para a sua realização integral (MENEGETTI, 2007; 2010). A prática da pedagogia ontopsiológica, por sua vez, visa à formação responsável do aprendiz pela própria aprendizagem, o que significa dizer que, tanto a prática da orientação do acadêmico do curso de pedagogia, quanto a sua atuação na escola de ensino fundamental está orientada por essa visão. Prioritário nesta perspectiva é o conceito de pessoa em sua integralidade, pois se faz discriminante na condução de processos educacionais. Segundo esta abordagem, falta às práticas educativas escolares a implicação da pessoa do aluno nos processos organizativos das aprendizagens.

Retomando à conceituação de educação, encontramos três diferentes entendimentos com similar significado. Conforme o dicionário de ciência da educação, o termo educação significa “o processo de formação do homem (entendido como indivíduo e seja como grupo) na direção de uma lenta, mas autêntica descoberta e clarificação de si, ou seja, das próprias peculiares, características físicas, mentais, espirituais”. (BERTOLINNI, 2008, p. 167). Educar diz respeito à formação do homem em sentido integral de descoberta autêntica de si, de quem se é enquanto singularidade e como parte de um grupo. Em Delors *et al* (2001), a educação visa ao “desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”. O autor ainda acrescenta que a função da educação é preparar o ser humano “[...] para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (DELORS *et al*, 2001, p. 99). Este mesmo sentido é encontrado no étimo *ex-ducere*, que significa conduzir para fora ou explicitar, tornar ato a potência intrínseca que cada indivíduo já possui.

Portanto, o ato educativo decorre de um processo que é conduzido pelo pedagogo que, exercitando a *maiêutica*^V, faz o movimento de dentro para fora, a fim de desenvolver o potencial integral do aprendiz. “Sendo a criança dotada de um projeto próprio duas são as posições sociais: a) a educação deve responder as exigências vitais e comunicativas; b) nenhuma interferência de colonização de sua virtual identidade” (MENEGETTI, 2006, p. 12). O pedagogo, a partir desta compreensão, é aquele que faz essa mediação e, por isso, é aquele que compreende a especificidade da individualidade que está

conduzindo e a faz desenvolver-se em contato com o universo das relações sociais concretas em que este vive, sem colonizar, ou ainda exercer mecanismos inconscientes de *transfê*^{vi} de compensação sobre a criança. E, considerando estes princípios em sua complexidade, percebemos o quanto ainda a pedagogia universitária pode evoluir conhecendo estes princípios pedagógicos.

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA APREENDER A INDIVIDUAÇÃO DO APRENDIZ

Uma vez que explicitamos alguns dos principais fundamentos da pedagogia ontopsicológica, evidenciamos então como esta pedagogia tem alicerçado as práticas de orientação dos estágios e balizado a formação de novos pedagogos visando à aprendizagem, conforme o princípio de identidade da pessoa do aluno e do professor.

A relação pedagógica entre professor e aluno é fundada sobre a completa responsabilização da pessoa do aluno e do professor. Significa que tanto o professor quanto o aluno respondem em primeira pessoa sobre as aprendizagens que ocorrem em si mesmos. Porém, há que se considerar que, como se trata de uma relação, supõe-se que ocorra autonomia. “‘Autônomo’ significa que posso sozinho ser força, um dividido distinto, capaz de cada eficiência para a própria individuação” (MENEGETTI, 2007, p. 18). Ou seja, supõe que cada pessoa implicada coloque intencionalidade e vontade de crescer, atuando assim, o seu papel – seja aluno que professor. As pessoas assumem a postura de realizar a sua função e também de compreender que toda e qualquer ação sua repercute tanto em si mesmo quanto no contexto ou pessoas que estão implicadas naquelas relações. Faz parte desta pedagogia a compreensão de que toda e qualquer ação bem realizada constrói a pessoa no sentido positivo, pois o resultado da evolução integral da pessoa é determinado pelas suas escolhas, pelas suas ações. De acordo com Meneghetti, “para o ser humano, qualquer variável ressoa no inteiro” (MENEGETTI, 2003a, p. 45). É neste sentido que a construção de relações pedagógicas, pautadas na autonomia, estão implicadas com a responsabilidade. E, é de responsabilidade do professor saber guiar o aprendiz a reconhecer e desenvolver o seu potencial. Para isso, o professor precisa apreender quem é seu aprendiz.

Frabboni (2007) levanta o problema, quando compreendemos a criança, com que chave de leitura a fazemos? Com a leitura institucionalizada, ou seja, da visão da escola, da família, da sociedade? E, quando tentamos compreender-nos na função de profissionais da educação, não será que fazemos da mesma forma? Conforme Abraham (1987) e Meneghetti (2007), já utilizamos os códigos de entendimentos culturais e

esquecemos de compreender a criança como “fenomenologia do espírito em acontecimento histórico”. Ou seja, a criança, como ser humano é um projeto da inteligência da vida que se faz no percurso histórico. Portanto, não ingressamos no universo da compreensão da essência real desse ser humano indivíduo (pertencente a um grupo) e pessoa (do latim, conforme Meneghetti, per se esse – ser por si mesmo). Para analisar o humano, requerem-se duas posições:

1) pôr-se na *ecceidade* da *datità* humana e isso implica uma total liberação, um total êxodo de todas as morais, de todas as circunspeções, de todas as memórias históricas; 2) esta *ecceidade* histórica se verifica sobre o plano de uma energia interiorizada que permanece invisível depois nas efetualidades póstumas dos seus acontecimentos históricos: o corpo, o pensamento, a consciência, tudo o que depois eu opero, uso, é segundo, é sempre fenômeno. (MENEGHETTI, 2005a, p. 88).

Para compreender a criança, o professor deve aprender a colher a informação a partir da evidência, de seu íntimo e não de categóricos racionais já construídos. A compreensão se dá a partir do dentro, do íntimo dos fatos concretos, com a finalidade de individuar como age a energia psíquica da criança no dado histórico. Assim, colhendo a informação por meio da evidência interior, o docente a confronta com os múltiplos fenômenos nas quais se manifesta seu sinal e formaliza uma unidade de ação psíquica, identificando e individuando então a especificidade de cada criança. Portanto, uma primeira aprendizagem que o orientador procurou propiciar ao pedagogo na realização do estágio foi apreender a criança, estudá-la, principalmente no que se refere ao histórico de suas aprendizagens, ou, ainda, não aprendizagens. Essa é uma aprendizagem que acontece sempre, o tempo todo, todos os dias, todos os momentos, ou, em outras palavras, ele deve estar aberto a aprender quem é a criança.

Segundo Meneghetti (2010), dentre os instrumentos de diagnóstico está a biografia histórica e a anamnese lingüística. Os estagiários então tinham que realizar a investigação acerca da pessoa do aluno, do que este aluno hoje é e se constituiu, a fim de poder concretamente realizar as demais aprendizagens, partindo do critério aprendido do aluno, pelo professor. Ou seja, deve desvelar a sua história e as linguagens ou códigos através dos quais o aprendiz sintetiza sua dialética entre o mundo interior e o mundo exterior. A linguagem utilizada pela criança deve, aos poucos, ser compreendida pelo professor, para que ele possa fazer pedagogia com aquela criança e, também, saber como mediar as relações de vantagens entre os indivíduos aprendizes em seu conjunto, com outras crianças. Exemplificamos: uma criança pode ter sintetizado as suas dialéticas com o mundo exterior por meio de um perfil extrovertido, e outra pode ter elaborado uma forma de introversão. Esta

aprendizagem, decorrente da adaptação que a criança fez de seu meio ambiente, deve ser compreendida porque, como no caso do exemplo, o professor não pode agir do mesmo modo com as duas crianças, nem mesmo colocá-las sempre em interação, visto que a tendência é que o extrovertido se sobressairá e poderá anular a colaboração do introvertido. Assim, cada criança requer condução diversa; então, com uma, o estagiário percebe que deve agir de um modo e, com outra, de outro modo, sob pena de impedir a evolução do potencial de cada uma delas. As alunas pedagogas, quando em atividade de estágio, são estimuladas a realizarem o movimento de se conhecer e de conhecer o seu aluno, compreendê-lo em suas atitudes, para identificar então como é que podem agir para provocar o seu desenvolvimento.

Então o pedagogo em formação foi inicialmente orientado para aprender quem é a criança, como foi constituída, qual é a sua identidade, como esta criança construiu estratégias de adaptação ao contexto em que viveu e ainda hoje vive, quem é o adulto de maior referência afetiva e, que, portanto, é o vínculo mais forte em relação à vida interior dessa criança. Para Meneghetti (2007), o adulto é a chave que faz a mediação do íntimo da criança com o mundo exterior. É ele que promove a confiança da criança em seu potencial e a coragem para que ela, durante seu crescimento, assuma a sua própria referência interior. Em certo sentido, é o adulto que ensina a criança a aprender a ganhar a si mesma com os seus próprios recursos, sendo titular de si mesma, sobretudo no que se refere à aprendizagem (MENEGETTI, 2007; 2010). O professor, na relação pedagógica, é o adulto que estabelece esta referência provisória à criança e, por ser referência, sua atitude possui um peso maior para o aluno.

O adulto professor possui a função de prover o contexto e colocar a criança em contato direto com as coisas a serem apreendidas (GIORDANI; MENDES, 2011). Em Meneghetti (2007), esse princípio é fundamental, pois a criança, em primeira pessoa, deve apreender o sentido das coisas, da concreta relação com essas no confronto concreto das coisas, tais quais elas são e não como aparentam ou, como os outros dizem ser, ou seja, deve aprender a utilizar o critério interior. Eis então que a realidade torna-se o modo prioritário de interação, e o educador deve mediar para que ocorra a aprendizagem do aluno. Então, pode-se dizer que o professor deve responsabilizar os alunos pelo seu aprendizado, desafiando-os, muitas vezes, criando mecanismos para que eles mesmos comecem a perceber, agir e pensar por si mesmos, pelo menos com o que cabe a si no momento, que é estudar, fazer as tarefas, etc. Para isso, o professor deve tratar o aluno de forma direta, mostrando a ele quais suas responsabilidades de aprendiz e colocando-os concretamente em situações de aplicação e implicação daquele conhecimento.

Percebemos, então, que, nas orientações das pedagogas, o conhecimento é concebido em sentido de conhecer elementos da cultura acumulada pela humanidade para poder compreender melhor a si mesmas e o mundo em que vivem. O conhecimento assume imediatamente função ao humano, e, portanto, a de saber para ser. O poder de saber o que é, como é, para que é, quando é e, assim por diante, assume um sentido de saber ser, e o poder de conhecer toca a constituição primeira da humanidade em cada individuação, que é a sua inteligência. E, isso dá prazer e sentido ao esforço em apreender, mas, sobretudo, produz auto-estima, confiança e coragem para a criança construir-se com respeito à sua individualidade, aceitar-se como ser diverso e, sendo responsável por si mesmo como também por salvaguardar o direito dos outros de serem eles mesmos.

A AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO COMO PRINCÍPIO DA AUTONOMIA DA CRIANÇA: O INSTINTO DE POSSE

Outro aspecto relevante encontrado nos processos de orientação do estágio foi conceber os alunos (estagiárias e alunos dos anos iniciais) com capacidade de desenvolver-se em sua plenitude através da ação da construção do conhecimento. Para Meneghetti (2007), é preciso prever que ensinando símbolos externos à criança e ao jovem podemos sustentar o Super Ego social e, com isso, inclinar os alunos a perderem seu espírito, ou seja, a sua interioridade ou seu Em Si ôntico - modo de ser inteligência. Não se trata de negar a cultura ou a educação, mas é preciso verificar se esta garante o direito de cada indivíduo ser ele mesmo. “Fala-se dos direitos civis, dos direitos das crianças, do feto, mas o primeiro direito é poder ser a si mesmo, poder existir como se é” (MENEGHETTI, 2007, p. 212).

Para aplicar este princípio da Pedagogia Ontopsicológica, temos que considerar que o primeiro instinto humano é o de posse, no sentido de tomar posse de si mesmo, do seu corpo, do seu ambiente, pois a psique fenomeniza-se em um espaço e um tempo, em um corpo, em uma história, em um ambiente, em um contexto. É neste sentido que o saber adquire sentido de saber para ser a si mesmo. O conhecimento em primeiro lugar, ao ser apreendido, é significado internamente pelo indivíduo como saber sobre si, de si e para si, pois todo o conhecimento humano, em certo sentido, revela um aspecto do humano e, portanto, de cada criança. A criança deve ser colocada em contato com o conhecimento deste modo, em sentido do seu aqui, agora e assim existencial e não em um amanhã talvez. Ou seja, não se pode negar ou postergar uma responsabilização do presente em detrimento de um possível amanhã. A posse concreta do apreender as coisas no aqui, agora e assim é em sentido de compreender e revelar quem é cada um, para descobrir-se e também descobrir quem são os

outros. O conhecimento torna-se instrumento do desvelar-se, descobrir-se. É o sentido de adquirir posse de si mesmo, de sua vida, de sua individualidade (MENEGETTI, 2005a; 2006; 2007).

Nas orientações de estágio, as acadêmicas eram direcionadas à compreensão de que todo o conhecimento curricular, da matemática à educação física, deve ser integrado à função da compreensão do humano enquanto espécie, grupo e individualidade. Portanto, eis a arte do pedagogo em conduzir a criança ao conhecimento do sentido de cada particular do conhecimento curricular. O pedagogo deve re-arquitetar o sentido ou a finalidade do conhecimento, eis a contribuição da pedagogia ontopsicológica, o conhecimento em função da construção do humano, enfrentando esse aqui, agora e assim. Portanto, ressignificando, sem o álibi compensatório dos argumentos “quem sabe um dia você vai entender para que serve” ou “vai precisar quando crescer, para ser alguém”, como se a criança já não fosse alguém. Ou seja, sem o mecânico sentido de, por enquanto, “ter que aprender” que, de modo insignificante, imprime na criança um “des-gosto” pela beleza e a grandeza que o ato de aprender possui implícito.

As estagiárias foram instigadas a descobrirem a si mesmas e, por si mesmas, exercendo o movimento de reconstrução do sentido dos saberes escolares com os quais trabalham com os seus alunos. Encontrar a lógica simples do conhecimento e facilitar a apreensão da criança daquele conhecimento por meio da cotidiana proposta educativa que realizam: é este movimento que toca o íntimo da criança, ou seja, toca a sua interioridade, provoca a sua inteligência.

De um dos momentos de orientação do estágio, ficou marcado aquele em que os estudantes, no final do curso, alimentam uma certa idealização a respeito do saber fazer pedagógico no estágio, e isso gera uma necessidade deles demonstrarem que o sabem. Esta postura, a de querer “demonstrar que”, opõe-se à postura aprendiz. Com isso, evidenciou-se que a postura do professor orientador é de propiciar ao pedagogo em estágio o confronto consigo mesmo. Assim, ao realizar a interação com a escola, com as crianças e com o professor regente, estará com a mente disposta a perceber seus limites e, conseqüentemente, disposta a aprender. Portanto, o papel de orientador tem uma dupla condição: garantir a aprendizagem da estagiária e, ao mesmo tempo, dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Então é este o sentido que a aprendizagem adquire no estágio, o pedagogo passa a confrontar-se consigo mesmo, assim, não tem a necessidade de demonstrar para o orientador ou para o professor regente da escola que sabe. Mas, ao mesmo tempo, deve buscar

aprender a conduzir a bom termo as aprendizagens dos alunos, por meio de sua capacidade de aprender com as situações novas. Eis a posse de seu ofício. Deve tomar posse, aprender por si mesmo, colocando-se em atenção sobre o que faz e o que isso produz concretamente em seus alunos para, de fato, tornar-se um instrumento eficiente para si mesmo – na aquisição dos instrumentos de sua profissão - e aos alunos – na garantia dos resultados da aplicação técnica de seus instrumentos.

A aquisição dos instrumentos do fazer pedagógico, duante o estágio, mas também durante a vida profissional, deriva da capacidade transformativa do aprendiz. “‘Mudar’ significa adequar-se às coordenadas do próprio ser para coincidir com a virtualidade que se tem dentro” (MENEGETTI, 2011, p. 245). Muito embora sendo acadêmico, o pedagogo deve enfrentar de maneira aberta e genuína os problemas profundos de suas aprendizagens construindo-se profissional da educação. Contudo, esta é uma escolha que pertence ao acadêmico. É ele que tem que se colocar no lugar de buscar construir também seus saberes, suas habilidades profissionais. Ou seja, é dele o papel de assumir também seu percurso de formação profissional e não apenas delegar a uma instituição ou a outrem o que cabe a si (ABRAHAM, 1987).

Identificamos, no estágio, que tanto os professores quanto os acadêmicos deveriam exercer uma aprendizagem que implicasse o compreender, o testar e o validar por experiência própria as descobertas que o pensamento humano nos propiciou até este momento no âmbito da teoria pedagógica, apropriando-se assim da cultura laica do pensamento pedagógico em seus mais variados aspectos e contributos. A função do orientador, nesse sentido, é fomentar a expansão do *background* da cultura pedagógica, bem como provocar o nascimento de um estilo próprio de fazer pedagogia que é impar em cada estagiário, encontrar o seu modo de ser pedagogo. Então a autonomia do acadêmico, estagiário de pedagogia, constituiu-se em premissa para que ele também exerça a aprendizagem da autonomia nas crianças que são seus alunos.

Para Meneghetti (1994), o professor não pode exercer a função formativa se também não se tornar um aprendiz, pois “o professor vê-se obrigado a mudar os outros, nunca a si mesmo [...]. Ensinando os símbolos através dos quais passa a gestão da existência, esquece a verificação de si mesmo” (MENEGETTI, 1994, p. 161). Compreendido como aprendiz, significa que, para entrar nesta lógica pedagógica, deve primeiramente mudar a si mesmo, compreender-se como aprendiz e ingressar no campo das aprendizagens e de como elas se processam. O primeiro lugar da aprendizagem é o sujeito, o qual, por consequência, deve verificar a si e os seus significados, sua teoria e suas práticas, verificar se possui

congruência entre o que comunica e o que aplica. Na prática da orientação, percebemos que o professor orientador assumiu a função de auxiliar a formação do seu aluno a partir do princípio de que aquilo que ensina coloca em prática na sua vida profissional. Esta metodologia de investigação permite ao orientador fazer os nexos entre a sua teoria e a sua prática, testar as suas concepções, percepções e as novidades que busca implementar.

O MOVIMENTO TEORIA E PRÁTICA NA ORIENTAÇÃO DO ESTÁGIO

A universidade, por meio do ensino de teoria, facilita a compreensão da multiplicidade de fenômenos. As teorias nascem sempre de homens, de autores que praticaram e que compreenderam de seu modo, não necessariamente o mais correto, mas de modo a refletir aspectos da realidade. A organização compreensiva, portanto, de uma realidade, torna-se uma facilidade para quem depois vai interagir ou precisa apreender aqueles conhecimentos. Os conhecimentos acumulados pela humanidade, quando adquiridos, favorecem os avanços e nos isentam da necessidade de, no momento inicial de sua aquisição, buscar explicá-los como se não tivessem sido construídos.

Porém, se por um lado já temos conhecimentos elaborados, de outro, temos a necessidade de compreender o processo lógico do conhecimento, como se formulou, porque, para que e, por fim, adquiri-lo e empregá-lo. Logo, parte das teorias que nós docentes ensinamos e que cada um de nós possui não é derivada diretamente da nossa prática. Mas, porque nós não escolhemos praticar essas teorias? Será que nós, os professores, entendemos aquelas que professamos? Portanto, a aplicabilidade do conhecimento depende, em primeiro lugar, da sua aquisição e, depois, em se colocar a testá-lo em seu cotidiano. Cada pessoa, por meio do exercício da disciplina e da vontade, pode passar a colocar aqueles princípios aprendidos e aceitos na sua experiência de vida. Assim, atinge uma compreensão maturada pela sua experiência. Quando isso ocorre, o aprendiz descobre o modo de como os conhecimentos são produzidos e também adquire a possibilidade não só de transformar os conhecimentos, mas também a de transformar-se em relação aos novos conhecimentos.

A experiência desprovida de teorias pode auxiliar a compreender princípios, leis e mecanismos que compõe os conhecimentos. O experienciar pode fazer com que o indivíduo encontre razão nos aspectos que muitos autores formulam. O indivíduo pode chegar ao conhecimento sem mesmo saber que este já faz parte do *background* do conhecimento humano, mas também pode confirmar o conhecimento elaborado pelos estudiosos que se dedicam a este assunto, muito embora o indivíduo os conheça previamente. Por isso, a relação teoria e prática é um processo dinâmico, dialético, descontínuo e não linear.

Feitas estas premissas, colocamo-nos a compreender como ocorre a relação teoria e prática na orientação do estágio curricular supervisionado, cuja prática assume os pressupostos da Pedagogia Ontopsicológica. No caso em questão, os alunos, acadêmicos do oitavo semestre (curso de pedagogia diurno) e, do décimo semestre (curso de pedagogia noturno), quando realizam o estágio, já cursaram todas as disciplinas teóricas e, neste momento, realizam a imersão no campo de estágio. Percebemos que é característico, em um primeiro momento, a negação de compreensões apreendidas nas disciplinas dos semestres anteriores. É muito comum prevalecer no imaginário das acadêmicas neste primeiro momento o sentimento de que tudo o que foi estudado não serve. O grande desafio da orientação é fazer o movimento de busca de alguns elementos teóricos que fazem parte das acadêmicas para trazer à tona o seu potencial. Ou seja, sem dispor de pelo menos alguns dos elementos teóricos trabalhados ao longo do processo de formação, estes não permanecem à disposição; logo, possuem menor chance de serem vinculados as suas experiências pedagógicas.

Durante o primeiro momento, no esforço de colocar em movimento alguns princípios teóricos no estágio, o processo de orientação oferece o suporte de duas maneiras: primeiro, dando a possibilidade da acadêmica escolher aqueles fundamentos que deseja (tanto do ponto de vista da abordagem, quanto do ponto de vista da temática, o importante é considerar e deixar explícito as suas intenções, os seus desejos e os seus fundamentos); e, em segundo lugar, a orientação propicia alguns princípios de Pedagogia Ontopsicológica que garantem o movimento inicial de exploração da experiência vivida sob o movimento teoria e prática.

Esse modo de orientar não só garante o processo de mediação das aprendizagens que são assumidas, como também oferece a oportunidade de as acadêmicas aprenderem a teorizar a sua ação e também aprenderem a aplicar os princípios teóricos no universo da experiência. Portanto, a orientação é no sentido da aquisição da lógica da construção do conhecimento no contexto da prática pedagógica e acadêmica. Então, é preciso entender a teoria como possibilidade de compreensão de um determinado fenômeno, mas não de modo linear. Para isso, é preciso apreender o sentido e o contexto em que aquele conhecimento foi gerado. Uma vez compreendido em sua lógica simples, em seus princípios basilares, as acadêmicas são desafiadas a pensar na implicação desses princípios em seu cotidiano de prática pedagógica.

Destas relações, apreendem estabelecer os movimentos entre teoria e prática, das teorias que aos poucos vão sendo memorizadas e lembradas. Mas, também apreendem a encontrar entendimentos particulares e significados próprios que vislumbram

uma compreensão do que e por que se faz do modo que se faz, qual é o resultado desta experiência e, além disso, como poderia ser se a experiência fosse diferente. Tal relação de movimento entre teoria e prática aos poucos vai perdendo o caráter puramente formal e se reveste da experiência da estagiária. Quando acontece este movimento, as estagiárias não mais negam as teorias, mas se relacionam com elas como possibilidades de compreender o que fazem, o que as auxilia a melhorar a sua atuação profissional. É neste sentido que a Pedagogia Ontopsicológica coloca esta relação, ou seja, na função de desenvolvimento integral do ser humano. Da descoberta de si, descobre-se o outro, e disso se transforma o modo de ação para gerar mais valor à construção das pessoas e de seus contextos de vida.

A TÉCNICA NO FAZER PEDAGOGIA PARA A CRIATIVIDADE HUMANA

Para Meneghetti (2003b), a técnica significa capacidade de ação conforme alguns princípios que são integrais à evolução do homem e do contexto. Trata-se, portanto, de uma mediação objetiva e capaz de resultados acretivos com benefícios mútuos. “‘Tecnè’: do grego, saber fazer bem. ‘Sinal’: qualquer coisa que aparece visivamente, que está formalizado, que oticamente pode cifrar-se, que se delinea, que começa a ter forma externa”. (MENEGHETTI, 1996, p. 10). A racionalidade humana, que é a técnica ou a tecnologia pela qual o ser humano faz a mediação perfeita do sinal, ocorre quando ele evidencia tanto o objeto quanto a si mesmo.

O pedagogo, então, por meio do saber mediar aqueles precisos sinais para cada indivíduo e, ao mesmo tempo para o grupo, presente ou não no currículo, passa a favorecer o explicitar o potencial humano que cada individuação possui. Eis o sentido da pedagogia como arte, como técnica: por meio dos sinais torna-se possível explicitar o potencial para que este seja atuado, transforme-se em ato. Meneghetti define pedagogia “como extrair o homo-civis do potencial indivíduo humano: qual humanismo cívico desenvolver para o homem” (2006, p. 180).

A especificidade da técnica em sentido humano, segundo Meneghetti (2003b), é exercido pela racionalidade humana, ela é a técnica pela qual o homem elabora os dados e produz o conhecimento sobre o real. “A racionalidade em si e por si não é inteligência, mas é a técnica, um feixe de regras baseado sobre alguns princípios escolhidos por evidência” (2003b, p. 07). A racionalidade é então o modo do homem evidenciar a si mesmo, se reconhecer e se tornar criativamente o potencial que é, encontrando seu princípio primeiro, o Ser.

A criatividade, portanto, se fundamenta na “técnica do sinal”. Não um sinal qualquer ao acaso, mas um sinal que de qualquer modo seja evento do Ser,

seja uma aparição, um insinuar-se, um presenciar-se do Ser. Isto é, através da gestualidade, o mover-se do artista – do pequeno homem – num certo momento torna-se verdadeiro, acontece a ecceidade daquilo que é a transcendência, daquilo que é o deus. O deus entra, o deus acontece, exatamente porque o artista, através da perfeição dos sinais, da técnica do sinal, sabe dar o evidente reconhecimento de algo que é superior ao humano, fora da medida humana, numa proporção excepcional. (MENEGETTI, 1996, p. 10).

O homem, por meio da racionalidade, da capacidade de exercer a técnica do sinal, toca a dimensão metafísica e, nesse ato, encontra-se com o princípio formalizante de seu existir, aquilo que o justifica e o funda como ente e que funda também sua racionalidade. Esse encontro é sempre mediado por um sinal semovente, diverso, com novidade de expressão, apesar de nunca negar o princípio primeiro de sua identidade. Tem-se, então, a tecnologia humana, isto é, a realização histórica do potencial humano criativo que presencia e é sinal ou fenomenologia do Ser.

Contudo, para aplicar a Pedagogia Ontopsicológica com os resultados previstos, visto que é uma arte que desenvolve integralmente o humano, depende-se da autenticidade da pessoa do pedagogo. Para isso, o pedagogo deve fazer psicoterapia, para se realizar em âmbito existencial (GIORDANI, 2005). O que significa isso, porém, pode ser explicitado no fato de que tenha também ele aplicado a pedagogia em sua vida e seja um profissional que não age e não pensa conforme os padrões mentais adquiridos ou como as coisas aparecem, mas saiba colher a visão do íntimo dos eventos. É fundamental essa premissa, visto que, se não for assim, o pedagogo faz pedagogia a partir de suas memórias e estereotípias e não conforme o dado concreto e atual em que o real é no aqui (lugar), agora (tempo) e assim (modo), mas conforme um registro não atualizado e carente de reversibilidade (GIORDANI; MENDES, 2007). O adulto, operador de pedagogia, deve responsabilizar-se por desenvolver também o seu potencial criativo, porque o principal instrumento de trabalho dessa pedagogia é a pessoa do operador. Portanto, a garantia do homem é o humano verdadeiro, sem mitos (MENEGETTI, 2010).

Portanto, as orientações de estágio favorecem ao estudante de pedagogia o confronto com as suas aprendizagens e concepções, revisão de seu *background* pedagógico. O orientador não pode sobrepor-se à responsabilidade do estagiário desenvolver a sua tecnologia humana. Seu *background* pedagógico deve ser ampliado e fazer parte de sua capacidade técnica para o pedagogo tornar-se instrumento de facilitação, e, assim, capaz de colher os sinais que se tornam sínteses de modos de ações educativas bem sucedidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar as aplicações da Pedagogia Ontopsicológica na formação de pedagogos nas orientações do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. Percebemos, com nossa pesquisa, que ainda poucos trabalhos sistematizados investigam metodologias de orientação de estágio de formação de professores, e o trabalho de pesquisa que temos desenvolvido tem tomado esta direção. Além disso, também observamos que a Pedagogia Ontopsicológica tem se revelado cada vez mais um instrumento que contribui a promover respostas aos desafios formativos dos pedagogos no ensino superior, quer por meio das orientações de estágio, quer como caminho para solução aos problemas escolares da falta de interesse pelos estudos e crescente agressividade, conforme os dados da pesquisa têm evidenciado.

Identificamos em nossa pesquisa que esta perspectiva de pedagogia tem apresentado algumas contribuições. Em primeiro lugar, percebemos que existe a compreensão da pessoa do aluno e do profissional em sua integralidade (aspectos conscientes e inconscientes), isto é, da capacidade da pessoa colher a intencionalidade psíquica em seu primeiro mover-se. Portanto, tanto as intencionalidades (conscientes e inconscientes) das crianças quanto dos pedagogos podem ser colhidas e reveladas no contexto formativo, auxiliando-os a conduzir suas vidas de maneira mais satisfatória.

Em segundo lugar, observamos que, com a identificação do critério humano que discrimina e orienta as ações do pedagogo, este começa a focar o seu trabalho sobre as suas características individuais e as características individuais de cada criança, bem como da turma. Identificando o potencial da turma e de cada indivíduo, pode o pedagogo desenvolver uma prática orientada tanto para auxiliar no sentido em que as individualidades sejam reconhecidas, quanto para possibilitar a evolução do potencial específico de cada criança e também do seu, enquanto professor.

Em terceiro, encontramos a visão e a prática do protagonismo responsável do pedagogo e da criança. Estas têm se revelado uma perspectiva muito consistente, pois cada vez mais as acadêmicas revelam que as crianças são substituídas em sua responsabilidade, como ocorre no exemplo clássico dos temas de casa. O crescente comportamento de superproteção da família tem provocado, na escola, uma dificuldade: a criança empenhar-se por sua própria aprendizagem. E, as atitudes das pedagogas, provocadas pelas orientações, têm revelado progressos nas aprendizagens dessas crianças.

Em quarto lugar, observamos que o exercício de apropriação do conhecimento começa a se tornar um modo de construção do valor pessoal da criança e do

pedagogo. Durante as orientações, a compreensão dos processos de apropriação e construção da lógica simples de cada conhecimento em função à construção humana, conduz o pedagogo e a criança a ter vontade de apreender e, assim, exercitar as suas faculdades humanas.

Em quinto, percebemos que a Pedagogia Ontopsicológica implica na técnica do saber fazer o sinal, visto que, o sinal que o pedagogo opera pode fazer com que o potencial humano da criança seja explicitado. A força imanente que existe em cada individuação deve saber ser colhida, mas, sobretudo, explicitada conforme uma técnica apropriada, porque se trata de uma força que possui uma ordem, uma intenção e, uma finalidade. Por isso, o exercício da técnica por parte do pedagogo deve ser no sentido de transformar a força interior da criança em criatividade de construção histórica daquela individualidade.

A pedagogia possui a função de compreender e de se constituir como suporte ao pleno desenvolvimento da pessoa do aprendiz, e sua tarefa consiste em construir o ser humano em funcionalidade existencial para si e para o contexto social em que está inserido. Frente aos dados que tem se revelado nestes anos de pesquisa, encontramos que a Pedagogia Ontopsicológica devolve à pedagogia a dignidade de ser função à constante evolução do ser humano enquanto espírito que se constrói criativamente em seu contexto existencial.

Notas

ⁱ Conforme Meneghetti (2010) a consciência possui estereótipos que a impedem de colher o dado real.

ⁱⁱ Para maiores esclarecimentos consultar o livro MENEGETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2010. Ver também em MENEGETTI, A. *O em si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004. MENEGETTI, A. *Campo Semântico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005b. MENEGETTI, A. *O monitor de deflexão na psique humana*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2005c.

ⁱⁱⁱ Para Meneghetti (2001, p. 143), inteligência significa “lat. *intus leggere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro. Faculdade exclusivamente psíquica e, portanto espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato”.

^{iv} Tais filtros derivam da ação desorganizante do monitor de deflexão na psique humana introjetada nos primeiros anos de vida, externamente identifica-se como Super Ego. O monitor de deflexão altera a imagem refletida na consciência e, age por meio de pontos fixos e, os estereótipos são um modo de comportamento caracteriais aprendidos de fora que tornam-se estáveis e portanto, fixos e impedem o Eu de colher o dado tal qual ele é (MENEGETTI, 2010).

^v Termo utilizado por Sócrates para designar o seu método de ensino fundado em dois princípios: a ironia e a maiêutica. A ironia consistia em atitude de provocar a verificar a veracidade da assertiva e a maiêutica implicava em extrair da própria capacidade reflexiva do discípulo a verdade (CAROTENUTO, 2007). O termo maiêutica também significava no contexto da sociedade helênica a parteira que trazia a luz a nova vida. Então maiêutica em sentido socrático significava o parto das ideias, ou seja, trazer à consciência o conteúdo que intrinsecamente o discípulo já tinha.

^{vi} O termo é compreendido em sentido ontopsicológico, significa “necessidade de parasitar e clonar o outro segundo as necessidades regressivas ou complexuais do sujeito” (MENEGETTI, 2001, p. 269).

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A. *El modo interior de los enseñantes*. Barcelona: Gedisa, 1987.
- ANASTASIOU, L. das G. C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (org.) *Processos de ensinagem na universidade*. 7. ed. Joinville: UNIVILLE, 2007. p. 15-43.
- BERTOLINNI, P. di. *Dizionario di scienze dell'educazione*. 7. ed. Bologna: Zanichelli, 2008.
- CAROTENUTO, M. *Scheda storica sulle teorie della conoscenza*. Roma: Psicologica Editrice, 2007.
- DELORS, J. *et al.* Os quatro pilares da educação. In: _____. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 89-102.
- FRABBONI, F. *Manuale di didattica generale*. 9. ed. Roma: Laterza, 2007.
- GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. A pedagogia ontopsicológica e a formação do pedagogo. In: GUIMARÃES, C. M.; REIS, P. G. R. dos; AKKARI, A.; GOMES, A. A. (org.). *Formação e profissão docente*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2011. p. 206-222.
- GIORDANI, E. M. The personal formation and the congruity in higher education professionals. In: MENEGHETTI, A. *et al.* *Atti del Congresso Business Intuition 2004*. Roma: FOIL, 2005.
- GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. A subjetividade no processo pedagógico das orientações no ensino superior. In: FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORRÊA, G. C. (org.). *Ações educativas e estágios curriculares supervisionados*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. p. 87-107.
- MENEGHETTI, A. *Projeto homem*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice. 2011.
- _____. *Manual de ontopsicologia*. 4a. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice. 2010.
- _____. *Pedagogia ontopsicológica*. 4. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2007.
- _____. UNESCO Paris 30 maggio 2006: una nuova pedagogia per la società futura. *Rev. Nuova Ontopsicologia - dossier sogno: l'Ontopsicologia segna, gli altri cercano*. Roma, n. 2, ano XXIV, p. 14-19, dez. 2006.
- _____. *Pedagogia ontopsicológica*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005a.
- _____. *Campo semântico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice. 2005b.
- _____. *O monitor de deflexão na psique humana*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice. 2005c.
- _____. *O em si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice. 2004.
- _____. *Genoma ontico*. 2a. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice. 2003a.

_____. *OntoArte: o em si da Arte*. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice: 2003b.

_____. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2a. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice. 2001.

_____. *A arte dos sábios*. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 1999.

_____. *Em si da arte e criatividade*. Porto Alegre: Psicologica Editrice do Brasil, 1996.

_____. *Sistema e personalità*. Roma: Psicologica Editrice, 1994.

Recebido em junho de 2011.

Aprovado em novembro de 2011.